

## O LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA CRIANÇAS DE TURMAS MULTISSERIADAS

*Selma Costa Pena<sup>1</sup>*

*Ana Lídia da Conceição Ramos Maracahipe<sup>2</sup>*

**Eixo temático : Alfabetização e as condições materiais e pessoais de ensinar em contextos diversos**

**Resumo:** O texto analisa os itens referentes à alfabetização e letramento de um livro didático, do Programa Nacional do Livro Didático Campo (PNLD Campo), voltado para crianças do primeiro ano do ensino fundamental das escolas do campo/multisseriadas, do Estado do Pará.

**Palavras-chaves:** PNLD campo; Alfabetização; Letramento; Educação do campo; Turmas multisseriadas

### Introdução

Este artigo é um dos resultados da pesquisa intitulada “Entre a recepção e a produção: análise de livros didáticos para alfabetização, letramento e língua portuguesa para os anos iniciais – PNLD Campo 2013”, coordenada pelo Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Alfabetização na Amazônia (LEIAA), vinculado à UFPA. A pesquisa analisou o livro didático como objeto de estudo complexo e multifacetado, como suporte material na dinâmica de sala e sua contribuição na formação leitora de crianças dos primeiros segmentos de escolas multisseriadas no Estado do Pará. Para este V Conbalf apresentaremos a análise realizada ao livro oferecido às crianças do primeiro ano, em fase de alfabetização.

A análise recaiu sobre o processo de ensino- aprendizagem de leitura apresentado em um dos livros da Coleção “Girassol- saberes e fazeres do campo” voltado ao 1º ano, a partir da leitura concebida como objeto cultural, que prevê a relação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra como fator fundamental para constituir a leitura como prática social, capaz de promover a autonomia do sujeito, considerando os aspectos socioculturais que o circundam.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRN. Professora do Ensino Superior do Estado do Pará, vinculada a Universidade Federal do Pará. Contato: [selmacpena@gmail.com](mailto:selmacpena@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFPA. Contato: [analidiaufpa@gmail.com](mailto:analidiaufpa@gmail.com)

Tal análise se justifica porque 60% dos estudantes das escolas do campo no estado do Pará estudam em turmas multisseriadas concentrando crianças dos cinco primeiros anos do ensino fundamental todos numa mesma classe. Em sua grande maioria essas escolas não apresentam materiais para os processos de leitura das crianças, nem mesmo o livro didático, recurso que para alguns professores é apresentado como o “salvador da pátria”.

Por determinação do Governo Federal, a partir de 2013, os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas da área do campo, seriadas e multisseriadas, receberam livros didáticos específicos. Atendendo a essa determinação, as obras foram selecionadas no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático Campo (PNLD Campo), que teve como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores, por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica.

O PNLD Campo foi, portanto, a primeira experiência institucional de livro didático para as escolas do campo, carecendo assim de pesquisas que, por meio de suas análises, suscitem debates sobre esse tipo de investimento e proponham referências significativas às próximas edições do PNLD Campo. O que é dado a ensinar nesses manuais? O que é preciso esquecer e o que vale a pena lembrar? Essas podem ser consideradas questões de fundo se considerarmos que precisamos romper com a perspectiva de processos homogeneizantes embutidos na concepção de currículo nacional e materiais didáticos desconectados da realidade local e regional.

## **2 Fundamentação teórica**

Nessa análise a maior atenção será dada à articulação de uma proposta de formação de leitores veiculada pelo livro didático em questão e sua articulação com as proposições sobre o que se pensa e se deseja para as crianças que estudam em escolas do campo nas turmas multisseriadas conforme recomendam as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, quando estabelecem que

O projeto institucional das escolas do campo, considerado o estabelecido no artigo 14 da LDB, garantirá a gestão democrática, constituindo mecanismos que possibilitem estabelecer relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade (BRASIL, 2002. p. 2.).

Nessa perspectiva, a análise será balizada nas atividades que contemplam os conceitos de alfabetização e letramento, tomando como parâmetro a leitura como uma atividade cultural que, por assim ser, constitui-se como uma prática herdada e que, portanto, só fará sentido

para os indivíduos quando eles aprendem seu uso social. Para tanto, os autores de referência desse estudo serão retomados na seção “Resultados e Discussão”.

### 3- METODOLOGIA

Para o trabalho proposto, realizamos a análise de um livro didático de Português, mais especificamente dos conteúdos relativos à alfabetização e letramento. A análise seguiu um roteiro previamente construído no grupo de pesquisa, adaptado a partir dos critérios de seleção de livros do PNLD. No roteiro, consideramos a identificação do livro, o projeto gráfico articulado à proposta pedagógica, os conteúdos de alfabetização e letramento, a seleção de conteúdos bem como a articulação entre eles. Feita a descrição, passamos para a análise dos aspectos solicitados no roteiro.

O livro analisado é dedicado às crianças do primeiro ano do ensino fundamental e intitula-se “Girassol- saberes e fazeres do campo”, de autoria de Isabella Pessoa de Melo Carpaneda e Angiolina Bragança. Dirige-se aos profissionais e alunos de turmas multisseriadas dos primeiros anos iniciais do Ensino fundamental situados nas escolas do campo. Para este artigo a análise centrará nos itens que tratam sobre alfabetização e letramento que abrangem as páginas 05 a 98 da obra.

O item que trata da Alfabetização e letramento é dividido em quatro unidades, sendo que cada uma delas se subdivide em dois capítulos. O projeto gráfico do livro se apresenta adequado à proposta pedagógica da obra e ao aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental e as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), uma vez que apresenta o sumário, a separação dos tópicos de conteúdos, o tamanho e tipo das letras, os espaços entre linhas, a nitidez e isenção de inelegibilidade, indicação dos créditos das fotografias, reprodução de pintura e ilustrações e indicação das referências bibliográficas.

Quanto à presença de gêneros textuais na obra, observamos que esses se diversificam (entre textos verbais e não verbais) ao longo do tópico que trata da alfabetização e letramento. São imagens, cartazes, poemas, quadrinhas, canções folclóricas, fotografias, pinturas, contos.

### 4 Resultados e Discussão

Muitas coisas são anunciadas pelas autoras do livro didático em análise. Para elas, alfabetizar significa “dominar a tecnologia escrita, compreender como se dá o processo de conversão dos sons em letras e das letras em sons” (CARPANEDA; BRAGANÇA, 2012, p.15).

Dessa forma destacam no livro os trabalhos com distinção entre letras e outras formas gráficas; reconhecimento das letras do alfabeto em que se avalia a capacidade da criança de reconhecer uma determinada letra, ou uma sequência de letras ou sílabas. Há, em menor número, atividades que avaliam a capacidade da criança de identificar letras dentre várias formas gráficas, tais como rabiscos, desenhos, números e outros símbolos gráficos; identificação de sílabas iniciais e finais das palavras.

Outras dimensões do processo de alfabetização são muito pouco exploradas, a exemplo do domínio das convenções gráficas, identificação dos espaçamentos entre palavras na segmentação da escrita, reconhecimento das diferentes formas de grafar uma mesma letra; decodificação de palavras no padrão consoante/vogal, entre outras coisas.

Quanto à discussão sobre o que as autoras denominam como letramento, as mesmas explicitam no manual dos professores que “A seleção textual e as atividades de leitura e produção de textos já iniciam o trabalho com habilidades e competências necessárias à compreensão desse mundo letrado e a participação em suas diversas práticas” (ibidem, p.15). Em uma clara visão de que os conceitos de alfabetização e o letramento estão articulados as autoras explicitam que “Para acessar as práticas letradas e delas participar, além da mediação do professor, o aluno iniciante precisa entender como o sistema de escrita funciona” (ibidem, p.15).

Em relação especificamente às práticas de leitura, as autoras, contraditoriamente ao que anunciam sobre o conceito de alfabetização já descrito acima, afirmam que a primeira condição para se realizar um trabalho de qualidade com a leitura é “compreender que o ato de ler não equivale à ação de converter letras e sons, como se a compreensão fosse uma consequência natural dessa operação” (ibidem, p.16), e que a segunda condição é oferecer aos alunos textos “de verdade”, que circulem em diferentes esferas sociais (literária, jornalísticas, de divulgação científica). Afirmam, ainda, a importância de que a criança possa “interpretar as entrelinhas e perceber as intenções, recuperar a estrutura do texto e sua organização” (ibidem, 2012, p.16).

Passados os anúncios, sigamos o texto discutindo um pouco sobre como esses anúncios se materializam nas atividades prescritas no livro didático.

Inicialmente gostaríamos de retomar o conceito de *alfabetização* anunciado pelas autoras. A ideia de domínio da tecnologia da escrita e conseqüentemente das letras, sílabas e palavras não se coaduna com o que conhecemos como apropriação escrita como “[...] um sistema particular de símbolos e signos cuja dominação prenuncia um ponto crítico em todo o desenvolvimento cultural da criança” (VIGOTSKI, 1998, p.139).

Contrariamente, o que vemos no livro didático analisado é a escrita sendo concebida como um código de transcrição da fala tão somente e com isso seu ensino ser direcionado

nos diferentes exercícios para a percepção muito mais visual e auditiva do que propriamente o domínio de um sistema notacional que conjuga ao seu conhecimento um uso social em que as crianças tenham condições de usar as práticas de leitura e de escritas nas mais diferentes situações de comunicação.

Com a equivocada ideia de separar momentos de alfabetização com os de letramento, as atividades do livro didático se distanciam completamente da linguagem escrita como objeto cultural porque apresenta tal prática tão somente como objeto escolar, esquecendo-se que a escrita é resultado de um esforço coletivo da humanidade, que tem uma história, que sofre modificações e assume diversas funções. E por isso é preciso entender que o encontro das crianças com a escrita não se trata de algo “inaugural” posto que, estando imersas em um mundo cercado de escrita, elas pensam sobre a escrita muito antes de chegarem à escola e, sem pedir licença aos adultos, transitam pelos diferentes gêneros textuais que circulam nas diversificadas esferas sociais das quais participam cotidianamente. Essas crianças dividem diversificadas experiências vividas em casa, nas roças, nas matas, nos igarapés, nos quilombos e lhes é apresentado um livro didático que desconsidera “como relacionam esses diversos sistemas de referência no processo de significação por meio da escrita” (GOULART, 2013, p. 24). Continuemos a discussão atentando agora a outro conceito importante que as autoras do livro didático anunciam - o de **letramento**.

O conceito de *letramento* refere-se ao processo de apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita. Nesse sentido, podemos dizer que “há diferentes letramentos associados a diferentes domínios da vida” (HAMILTON, 2000, p. 11), e neles os sujeitos ocupam “posições dentro de um *continuum* do letramento, posições estas que não são intercambiáveis nem equivalentes, devido ao processo de legitimação das práticas letradas” (TFOUNI, 2001, p. 80). Como as crianças do campo são dotadas de particularidades, experiências de vida, a formação leitora poderia ser efetuada envolvendo processos de apreensão, compreensão, inferência e transformação de significados a partir dos textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender as suas necessidades.

Ao analisar as atividades de “práticas de leitura e de escrita”, anunciadas pelas autoras, como sendo as de letramento encontramos indícios a respeito dos modos de representações, práticas e valores da leitura relacionados a esses discursos sobre leitura/escrita em sala de aula, apontados por Chartier e Hérbrad (1995). Esses estudiosos esclarecem, que a escola, como local de ensino da leitura/escrita, se constitui como resultado de diferentes influências, ora aderindo a uma concepção religiosa de leitura – leitura como *instrução*, a leitura em *voz alta*, *paciente*, como *memorização*, - ora incidindo nos preceitos da leitura leiga, que substituiu a meditação reverenciadora da igreja, pelo sonho, privilegiando o deleite, o prazer, o entretenimento.

Isso pode ser percebido quando as autoras marcam nos exercícios a memorização, de pequenas canções para garantir que a criança apreenda o significado de algumas palavras, a exemplo da palavra PIÃO que, inicialmente, aparece em uma cantiga folclórica e depois segue com questões de interpretação: “Na cantiga o que quer dizer: “entrou na roda”?. Sublinhe no texto a palavra PIÃO (CARPANEDA; BRAGANÇA, 2012, p.40-41). Logo em seguida solicita-se que a palavra seja empregada inicialmente em sua sílaba inicial, depois na sílaba final e assim vai-se “formando o leitor” da educação do campo (ibidem, p.40-41). Em número reduzido, como ocorre na página 38, aparecem atividades em que o professor se empenhe em fazer a leitura para as crianças, e se comprometa em ser um modelo de leitor, como aquele que prepara a leitura até compreender que, ao ler para criança, está mostrando a natureza da linguagem escrita e formando nela um comportamento leitor.

Na escola, espera-se que a criança, em sua fase inicial, tenha domínio de outros usos e funções da escrita, diferentes dos construídos externamente, e que esses conhecimentos tornem-se um dos objetivos de trabalho no processo inicial de aprendizagem da língua escrita, pois o contato com diferentes tipos de textos fora do ambiente escolar não é suficiente para garantir a alfabetização, o que significa dizer que é preciso planejar o trabalho pedagógico de alfabetização, com a ajuda do livro didático, articulando as atividades de uso da linguagem com as atividades de reflexão sobre a língua escrita. No modelo de letramento que nos é apresentado no livro didático aqui analisado com seus ritos e práticas de exercícios, a leitura é vista inicialmente como *habilidade única e universal*, a ser treinada pelo aluno, principalmente no decorrer dos anos iniciais.

Para Hébrard (2001), o conceito de leitura vinculado a essa ideia de repetição dá ao ato de ler um conteúdo de neutralidade cultural que não é real é bem verdade, mas que garante certa eficácia social, uma vez que coloca a leitura apenas como um instrumento de acesso à escrita.

Em meio a isso tudo o papel do professor que aparece no livro didático está bem distante de ser o de agente de letramento, daquele que, ao conhecer o aluno, reconhece suas habilidades e expectativas, identificando nele suas motivações para ajudá-lo a ampliá-las, bem como identificar e reconhecer suas dificuldades para ajudar no processo de superação.

Por fim, o que se percebe no material analisado é uma fragilidade naquilo que as autoras anunciam como um trabalho para alfabetização e letramento, em especial para as crianças das escolas do campo. As autoras declaram que a coleção foi construída nos princípios e procedimentos da educação do campo e que o livro dialogaria com os princípios e finalidades das Diretrizes da Educação Básica do campo. Contudo, não se percebe no livro, conforme informam as Diretrizes, um conjunto de ações em que se fortaleçam novos valores de respeito, igualdade e dignidade entre as diferentes gerações e etnias, estimulando o amor

pela terra como fonte geradora de vida, assim como pouco se tem atividades em que considerem as especificidades dos grupos humanos como assalariados, agricultores, ribeirinhos, pescadores, indígenas e quilombolas. O lugar das atividades de alfabetização e letramento referentes aos múltiplos campos espalhados pelo território brasileiro? Ninguém sabe, ninguém viu!

Por fim, o livro didático foi compreendido nessa análise como produto cultural multifacetado, que por ser suporte direciona processos da formação leitora de crianças em processos de alfabetização. Nos itens analisados, observou-se que as atividades de alfabetização e de letramento apresentadas no livro não conseguem dialogar continuamente com os textos e contextos que as crianças do campo vivenciam e experimentam.

## **5 Considerações Finais**

Há, no livro didático aqui analisado, grande preocupação das autoras com o domínio do código escrito, com muitas atividades que exigem das crianças que elas pintem letras maiúsculas, minúsculas, consoantes e vogais. Essa preocupação com alfabetização (mais mecanizada) não se articula a um trabalho com o letramento, em que os usos e as funções sociais da linguagem escrita deveriam orientar as atividades cotidianas da turma.

A escrita como registro social, que demanda compreender algo e leva, necessariamente, a reconhecer o suporte; olhar o livro para folheá-lo; apreender a informação e utilizar competências múltiplas para o levantamento de hipóteses, as quais ainda permitem a recuperação da informação por meio de releituras, consultas a dicionários, pesquisas etc. aparece de forma escassa no manual didático. É escassa também a prática da leitura em suas várias nuances e funcionalidades: ler por ler, por prazer, para se informar, para criticar, estabelecer relações, para estudar, para entender algo, para escrever de maneira mais autônoma, para conversar, dentre outros.

Para concluir podemos dizer as atividades de alfabetização e de letramento apresentadas no livro didático aqui analisado não parecem modificar, ou modificam muito pouco, a condição de pertencimento das crianças do campo à sociedade letrada. Por isso insistimos que nas construções de materiais didáticos para alfabetização, as editoras, juntamente com seus autores, considerem a real importância que tem o meio constituído pela cultura das crianças do campo e pelas relações entre seus membros.

Em síntese, concluímos essa análise alertando o leitor de que o espaço do campo não se apresenta no livro analisado como sendo necessário para a construção da identidade

social, conforme recomenda a Resolução CNE/CEB nº 1/2002; bem como, a proposta do livro para a formação de leitores caracteriza o campo e as crianças do primeiro ano do ensino fundamental das turmas multisseriadas sem considerar suas complexidades, dificuldades e diferentes relações com a escrita.

## Referências

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica do Campo**. CNE/CEB nº1. De 3 de abril de 2002. Disponível em: <[http://www.pen.uem.br/diretrizes/Resol\\_CNECEB\\_2002\\_01.doc](http://www.pen.uem.br/diretrizes/Resol_CNECEB_2002_01.doc)> Acesso em 19 fev. 2009.

CARPANEDA, Isabella.P. de Melo; BRAGANÇA, A.D. **Letramento e alfabetização**. Girassol saberes e fazeres do campo. 1º ano, 1 ed. São Paulo: FTD, 2012.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura**: (1880-1890).

CNE/ CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/ CEB Nº 1, de 3 de Abril de 2002.

GOULART, C. WILSON, V. (orgs). **Aprender a escrita, aprender com a escrita**. São Paulo: Summus, 2013.

HAMILTON, M. **Local literacies**: reading e escrevendo in one communiy. Londres: Routledge, 2000.

HÉRDRAD, Jean. O autodidatismo exemplar: como Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001

TFOUNI, Leda Verdiani. **Os portadores de texto como materialização das posições** Trabalho apresentado no I congresso internacional da ABRALIN. Salvador, Bahia, 2001.

VYGOTSKY, L. S. A pré-história da linguagem escrita. In: VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 119-136.